

A EDUCAÇÃO BRASILEIRA E SUA ESCALA DE VALORES NOS PRIMÓRDIOS E NA ATUALIDADE

BRAZILIAN EDUCATION AND ITS SCALE OF VALUES IN PRIMORIALS AND CURRENTLY

Sueli Rolão Frederico¹

¹ Pedagoga pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO). Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP).

RESUMO

A educação brasileira, desde seu início tem como foco central a formação do indivíduo para a vida futura, pela forma de transmissão de conhecimentos, desenvolvimento de habilidades e, também, a construção de valores. Entretanto, os valores encontrados na pós-modernidade, parecem não se demonstrar estruturados na mesma maneira que os encontrados nos primórdios, o período colonial. Assim, motivado pelo assunto, foi apresentado um estudo com a finalidade de identificar, por meio da ótica da teoria dos valores, em que ordem estes se encontravam dispostos no início da educação brasileira e, em que medida, pode-se perceber hierarquizado na atualidade, aprofundando, portanto, na história da educação brasileira. Leva-se em consideração as influências e ideias educacionais ocorridas desde o início, com a chegada dos jesuítas até sua expulsão no século XVIII, sua organização pedagógica e metodológica de ensino, bem como, as ideias que influenciaram a educação nos dias atuais, séculos XX e XXI, pós-modernidade, no mesmo contexto sócio cultural. Acredita-se que a escala de valores tem uma fundamental importância na educação brasileira, e que estes estão presentes nos dias atuais, porém, a maneira a qual estão dispostos, pode vir a revelar significativas mudanças no processo educativo que ora é vivenciado.

Palavras-chave: Educação colonial. Valores. Pós-modernidade.

ABSTRACT

Since its inception, Brazilian education has focused on the formation of the individual for future life, the transmission of knowledge, the development of skills and the construction of values. However, the values found in postmodernity seem not to be structured in the same way as those found in the early colonial period. Thus, the motivation for this article arose with the purpose of identifying, through the scope of the theory of values, in what order these were arranged at the beginning of Brazilian education and, to what extent they can be perceived as hierarchical in the present, including, to do so, the history of Brazilian education. It takes into account the influences and educational ideas from the beginning, with the arrival of the Jesuits until their expulsion in the eighteenth century, their pedagogical and methodological teaching organization, as well as the ideas that influenced education in the twentieth and twentieth-first centuries, postmodernity, in the same socio-cultural context. It is believed that the scale of values has a fundamental importance in Brazilian education, and that these are present in the present day, however, the way in which they are organized may reveal significant changes in the educational process that is now experienced.

Keywords: Colonial education. Values. Postmodernity.

Introdução

Os valores, conforme Max Scheler, se apresentam como um tema relevante, no que dizem respeito ao aprendizado de sua hierarquia, momento o qual é possível instaurá-los conforme a necessidade do preenchimento de uma carência ao ser humano. Portanto, a educação é fundamental, no que tange a identificação dos valores e sua hierarquização, a fim de situar o indivíduo naquilo que é primordial ou não ao seu bem estar.

A escolha do tema se dá na contribuição dos valores encontrados nas regras educacionais dos primórdios e sua utilização no Brasil, analisando, portanto, o método educacional dos jesuítas, o Ratio Studiorum.

Os valores existentes nos primórdios da educação no Brasil necessitam de um conhecimento e entendimento, já que se encontram distantes quando comparados aos valores encontrados na pós-modernidade. Com o passar dos anos, durante a minha formação educacional, fui percebendo que a escala de valores desenvolvida na atualidade se encontrava em hierarquia diferente daquela que havia assimilado desde a minha mais tenra idade, fato que me impulsionou a aprofundar ainda mais meus estudos voltados à educação, buscando, para tanto, os possíveis motivos da dissonância destes ao meu entorno.

Após muita reflexão pessoal, me senti impelida a estudar como se iniciou a educação no Brasil trazida pelos jesuítas que aqui aportaram no século XVI e de como se deu essa escala de valores, num contexto histórico divergente dos atuais. Entender, ainda, como as ideias educacionais se manifestam na atualidade, levando em consideração as influências sofridas pela educação no momento colonial, bem como, nos séculos XX, XXI, a pós-modernidade. Com base nos pontos descritos, foi imprescindível um estudo mais atento do ensino nos primórdios, a coletânea de prescrições práticas e regras seguidas pelos padres jesuítas nas salas de aula, o Ratio Studiorum. Foi, ainda, abordado o sistema ético-filosófico dos valores, relacionando o exercício destes com os primórdios educacionais e à pós-modernidade, na visão de autores contemporâneos.

Portanto, como se encontram os valores na pós-modernidade quando comparados aos dos primórdios? Com a finalidade de obtenção de respostas, a metodologia se define na pesquisa bibliográfica focada no tema educação e teoria dos valores, de abordagem mista, bibliográfica e documental se fundamentando no método histórico-comparativo.

Aspectos históricos dos primórdios no Brasil

O descobrimento do Brasil deve ser compreendido no contexto das grandes navegações e descobrimentos de caminhos marítimos, nos séculos XV e XVI. As nações que dominavam essas navegações eram Portugal e Espanha, que se lançaram ao mar à procura de novas terras a serem exploradas. Além da busca de terras, utilizavam a rota marítima até as Índias, grande centro comercial naquele momento com a finalidade de comprar especiarias, tecidos, etc., e com isso, revendê-los na Europa, obtendo grandes lucros.

A América Latina, rica em metais preciosos e gêneros tropicais de alto valor no mercado europeu, tornou-se região de exploração pelos países ibéricos, contribuindo enormemente para o enriquecimento das metrópoles, mas, por sua função de economia complementar, revelava total dependência em relação à Europa. (VICENTINO e DORIGO, 2000, pág. 99).

O Brasil foi descoberto no dia 22 de abril de 1500 pelas caravelas da esquadra portuguesa, sob o comando de Pedro Álvares de Cabral ao aportarem no litoral sul do atual estado da Bahia e avistarem uma montanha, local batizado de Monte Pascoal. Dois dias após a chegada dos portugueses, ocorreram os primeiros contatos com os indígenas, que de acordo com a carta de Pero Vaz de Caminha, foi um encontro pacífico e de estranheza devido a grande diferença cultural existente. Assim, Portugal definiu para o Brasil “[...] algumas diretrizes e linha operacionais. Com a constatação da riqueza e da grandeza da nova descoberta portuguesa – o Brasil -, iniciou-se um processo lento, mas gradativo, de povoamento de nossa terra.” (SHIGUNOV NETO, 2015, pág. 14).

É o período de conquista e tomada da posse de terras, capitânias hereditárias¹ e, posteriormente, com Governadores Gerais. Um modelo ordenado com a finalidade de povoar a colônia brasileira aconteceu com a expedição de Martim Afonso de Sousa, em 1531, e também, com a fundação das primeiras vilas, que iniciou em 1532 com a Vila de São Vicente e se prolongou até 1580. Portanto, “[...] iniciou a distribuição de sesmarias – lotes de terras – aos novos habitantes que se dispusessem a cultivá-las, além de dar início à plantação de cana-de-açúcar” (VICENTINO e DORIGO, 2000, pág. 70), produto de alto valor no comércio europeu da época.

Assim, o Brasil se manteve como colônia de Portugal e dependência da metrópole até a vinda da família real, no ano de 1808, século XIX. A frota que trouxe a família real de Portugal aportou em 22 de janeiro de 1808, em Salvador, que mais tarde seguiu para o Rio de Janeiro e transformou o Brasil na sede político-administrativa do Império português. Ainda no mesmo ano, D. João revogou a proibição imposta em 1785, de instalação de indústrias no Brasil.

Aspectos educacionais dos primórdios no Brasil

A educação no período colonial teve a contribuição de outras ordens religiosas como os franciscanos, beneditinos, além de ordens religiosas, como os carmelitas, mercedários e capuchinhos, porém, de forma espargida e com interrupções. Para Saviani,

[...] essas diferentes congregações religiosas operaram de forma dispersa e intermitente, sem apoio e proteção oficial, dispendo de poucos recursos humanos e materiais e contando apenas com o apoio das comunidades e, eventualmente, das autoridades locais. (2013, pág. 41).

¹ [...] era uma província e que, apesar de hereditária, tinha no donatário um administrador, um mandatário do rei e não um senhor feudal, já que a propriedade da terra cabia ao Estado. Assim, a capitania não possuía um caráter autárquico e muito menos apresentou uma estrutura interior servil, mas sim fundada nos ideais lucrativos de donatários, camponeses e de exploração escravista. (VICENTINO e DORIGO, 2000, pág. 74).

O primeiro grupo de Jesuítas chegou ao Brasil em 1549, com o primeiro Governador Geral Tomé de Sousa, que trouxe consigo o primeiro grupo de seis jesuítas, comandados por Manuel da Nóbrega. Ao contrário das demais ordens religiosas que aqui chegaram, os jesuítas contaram com o apoio da Coroa Portuguesa, com ideias e princípios que se expandiram por quase todo o território da América Meridional, conquistado pelos portugueses. Nos anos de 1551 e 1553, chegaram respectivamente o segundo e terceiro grupo de jesuítas e encaminhados aos colégios jesuítas² que já havia no território brasileiro. Conhecido como o grande defensor dos índios no Brasil, padre Manuel da Nóbrega, teve importante papel no processo de catequização e colonização dos índios. Incumbiu-se de “[...] colaborar ativamente na fundação da aldeia de Piratininga (1553), que tornar-se-á posteriormente a cidade de São Paulo, no Colégio de São Paulo (1554), na cidade do Rio de Janeiro (1565).” (SHIGUNOV NETO, 2015, pág. 31).

Para Anchieta³, a ideia pedagógica era esboçada de acordo com “[...] os métodos e procedimentos considerados adequados para se atingirem aquelas mesmas finalidades inerentes à filosofia educacional consubstanciada na doutrina da Contrarreforma⁴ e expressas no plano educacional que estava sendo posto em prática.” (SAVIANI, 2013, pág. 44). Tinha o domínio do espanhol, que era sua língua nativa, bom conhecedor de outras línguas, e aprendeu o português ao se radicar em Coimbra e estudar no Colégio dos Jesuítas e dedicado ao aprendizado do latim. Anchieta logo dominou a língua falada pelos índios brasileiros, organizando a gramática e dela se utilizando para servir como trabalho pedagógico na terra nova. Para a realização de seu trabalho educacional, Anchieta fez amplo uso do idioma tupi, tanto para se comunicar com os índios como aos colonos que já conheciam a língua falada ao longo da costa brasileira.

Conhecido como o grande defensor dos índios no Brasil, padre Manuel da Nóbrega⁵ teve importante papel no processo de catequização e colonização dos índios. Incumbiu-se de “[...] colaborar ativamente na fundação da aldeia de Piratininga (1553), que tornar-se-á posteriormente a cidade de São Paulo, no Colégio de São Paulo (1554), na cidade do Rio de Janeiro (1565).” (SHIGUNOV NETO, 2015, pág. 31).

A Companhia de Jesus logrou em sua história um êxito irrefutável na utilização de seu plano de estudos, chamado *Ratio Studiorum*. Com experiência de várias décadas, o conjunto educacional dos colégios jesuítas desenvolveu um trabalho pedagógico de alto quilate, que fez com que parte de grandes nomes da humanidade tenham emanado de seus numerosos colégios. O código pedagógico desses religiosos, que guiaria a educação da Companhia de Jesus, foi sancionado em fins do século XVI.

² Colégio dos Meninos de Jesus da Bahia, Colégios de Olinda e Recife em Pernambuco, Colégios dos Meninos de Jesus em São Vicente. Os colégios de São Vicente e da Bahia foram os mais prósperos da Companhia de Jesus.

³ Padre jesuíta espanhol, santo da Igreja Católica e um dos fundadores das cidades brasileiras de São Paulo e Rio de Janeiro.

⁴ Movimento de reação da Igreja Católica a partir de 1545, ao surgir doutrinas Cristãs novas na Europa, como a liderada por Martinho Lutero, conhecido como Reforma Protestante.

⁵ Padre jesuíta português participou da primeira missão de catequização brasileira no século XVI.

Foi neste mesmo momento próspero da missão dos jesuítas no Brasil que foi dado início na Companhia de Jesus à organização de um plano de estudo abrangente que deveria ser executado nos colégios da Ordem por todo o mundo, conhecido como *Ratio atque Instituto Studiorum Societatis Iesu* ou *Ratio Studiorum*⁶, que, em sua versão definitiva, constava de 467 regras em 208 páginas. Suas origens remetem às Constituições da Companhia de Jesus feitas pelo fundador da Companhia, Inácio de Loyola, tendo entrado em vigor em 1552. Utilizado de forma padronizada e baseada em preceitos cristãos, desenvolveu um processo pedagógico que permitiu a orientação de Teologia prática, Letras e Artes.

Os jesuítas tinham uma hierarquia de valores bem definida no contexto de sua jornada até a finalização completa de suas regras, culminadas neste código pedagógico, o *Ratio Studiorum*. Essa ordem hierárquica provém claramente do Sagrado, já que a Companhia de Jesus baseou toda sua estrutura de regras para os estudantes, professores e demais componentes do corpo pedagógico de seus colégios ao afirmar que deveriam “[...] ensinar ao próximo todas as disciplinas convenientes ao nosso Instituto, de modo a levá-lo ao conhecimento e amor do Criador e Redentor nosso [...]” (FRANCA, 1952, p. 46). Isso se dá em função do cunho religioso pertinente à época⁷, com a finalidade de conservação e propagação da formação da fé católica, com o principal objetivo de limitar o avanço da reforma protestante.

São hábitos cristãos exercidos diariamente, como a caridade, renúncia e paciência, entre outros, que configuram todas as regras do *Ratio Studiorum*, perpassando aos jovens no decurso dos estudos, se transformando em costumes praticados todos os dias na educação.

Um breve olhar sobre a teoria dos valores

Os valores pertencem a um tema recente no que diz respeito ao campo filosófico, apesar de serem parte de estudos que remetem à antiguidade. Não raramente se vê o equívoco causado em relação aos conceitos das palavras, o que acontece também com a definição do termo “valor”, resultando numa interpretação pouco clara, em que o significado não demonstra uma compreensão plausível. Assim, não é uma ideia, pois “Valor, para o homem, é o que vale para ele, o que pode preencher suas necessidades, suas carências. Só se pode saber o que vale para cada um conhecendo-se o que lhe falta.” (WERNECK, 2013, pág. 19). Outro ponto a se esclarecer, é que “[...] desde a fase mitológica, até o início da contemporânea, o termo valor surge, quase que exclusivamente, com uma conotação ética, moral e de justiça. Mais tarde sim, aparecem outras referências, ou tipos de valor.” (BERESFORD, 2000, pág. 40).

⁶ “Em 1551, o padre Jerônimo Nadal formulou a primeira versão do método educacional dos jesuítas, o *Studio Societatis*, que passou por reformulações, iniciadas pelo próprio Jerônimo Nadal, retomadas, posteriormente, por Ledesma culminando com a publicação da obra *Ordo Studiorum*, em 1575, ainda de forma incompleta, devido à morte de seu mentor intelectual[...]coube ao padre Cláudio Aquaviva a tarefa de elaborar o definitivo método pedagógico da Companhia de Jesus, tendo como base a proposta de Ledesma. A primeira versão do método foi apresentada em 1585 e aprovada em 1586[...]. Somente em 1599 foi apresentada a versão definitiva do método, bastante enxuta, contendo 467 regras em 208 páginas.” (SHIGUNOV NETO, 2015, pág. 38).

⁷ Século XVI, a partir de 1545.

Para Scheler⁸ os objetos têm qualidades determinantes do que são e carregam consigo os valores. A diferença consiste na atribuição concedida a determinado bem de acordo com a necessidade desejada pelos indivíduos. Os indivíduos notam, percebem esses valores e, com isso, a sensação de agrado ou desagrado. No entanto, para o filósofo, esses valores não se iniciam no indivíduo, mas são experimentados de acordo com a natureza das coisas, universais e imprescindíveis.

De acordo com Scheler, as conexões materiais são os valores superiores e inferiores, que possuem uma disposição peculiar, incluindo todos os valores. A essa ordem, Scheler chama de hierarquia, que pode ser superior ou inferior a outro valor. Assim como os valores positivos e negativos, os superiores ou inferiores estão contidos na essência dos valores, e por isso não podem ser empregados apenas aos valores que conhecemos. A matéria e a essência do valor demonstram a possibilidade de que ele seja superior ou inferior a um outro valor como, por exemplo, o bem é superior ao mal.

A possibilidade de diferença de altura entre um e outro valor, não se encontra, porém, na quantidade, mas sim no ato de preferir. O valor se torna preferido pela sua qualidade de valor superior.

Noções de valor, não valor e contravalor

Em nossa cultura, de certa forma é comum trabalhar as ideias, definindo-as por meio de conceitos, o que pode dificultar entender o significado de valor, já que este decorre da necessidade do ser humano e corresponde a desejos e anseios. Assim, para Vera Werneck⁹, para o homem, valor é aquilo que vale para ele, a supressão de suas necessidades, o que lhe falta. Assim, só saberá o que vale, quando souber o que lhe é ausente. Portanto, valor não é uma ideia, mas aquilo que pode satisfazer algo de que um ser humano necessita, ou seja, uma carência a suprimir. Desse modo, para se entender a hierarquia de valores, é necessário compreender o que falta ao ser humano e o modo como se encontra hierarquizado.

O termo valor aparece nos dias de hoje com significados semelhantes, porém, não se demonstram iguais, tudo o que puder satisfazer a necessidade humana, constitui valor para o homem. Porém, podem ser objetivos ou subjetivos, e

Sendo os valores objetivos, serão iguais para todos desde que nas mesmas condições. Caso sejam subjetivos, vão decorrer das necessidades específicas de cada um e vão, portanto, variar de acordo com o lugar, o tempo e as diferentes situações. (WERNECK, 2013, pág. 20).

Por ser o valor advindo de um estado psicológico, consequência de um interesse ou desejo, pode este ser considerado de uma forma para alguns e diferente para outros.

⁸ Max Scheler 1874 – 1928. Filósofo alemão conhecido por seu trabalho sobre fenomenologia, ética e antropologia filosófica, bem como por sua contribuição à filosofia dos valores.

⁹ Vera Rudge Werneck, doutora em Filosofia, atualmente professora no programa de pós-graduação stricto sensu na Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro.

O não valor se configura como o que não importa, não agrega utilidade às necessidades do indivíduo. Surge inicialmente para o homem na forma do ente¹⁰ enquanto ente, pois, que se a satisfação de suas necessidades vitais, ou seja, não possuindo base de valores para o homem, são não valores. O não valor pode ocorrer ainda pelo próprio homem, ao retirar o valor, desvalorizar, causando assim, o não valor ou mesmo ocorrer sem nenhuma interferência quando deixa de existir, quando, por exemplo, uma árvore morre é uma desvalorização espontânea, ou quando é arrancada, uma desvalorização provocada. A desvalorização, de forma diferente, continua possuindo valor, pois, ainda que o indivíduo desconheça ou negue determinado objeto de valor, este não deixa de carregar consigo o valor existente.

Além do não valor, outro ponto importante a se esclarecer, é o contravalor, que é a oposição ao valor. Pela recusa ou por falta de experiência o indivíduo pode buscar o contravalor, portanto, prejudicando-se. O contravalor pode trazer prejuízo para a parte vital, porém, não se deve confundir o que é danoso com o feio. O penoso por vezes pode ser desagradável causando incômodo, mas não pernicioso, como é o caso de alguns tratamentos de saúde, que muito embora causem desconforto, propiciam melhora à parte depois de concluídos.

O contravalor traz sofrimento ainda que nem sempre de maneira imediata, mas se caracteriza pela vivência do mal que o atordoa, o aflige e o faz padecer diante de algo. Pode ocorrer de maneira espontânea ou mesmo por meio do consentimento do indivíduo e própria deliberação, sendo que este último dependerá de sua responsabilidade e competência na refutação. Dependerá da resposta à experiência, que, se inadequada, prevalecerá o contravalor e seu conseqüente desagrado, entrando, assim, na vida do indivíduo de forma natural, alheia à sua vontade e, quando instaurado, devido ao seu consentimento e escolha.

Pode-se mesmo pensar que a capacidade humana para o sentimento é inata, porém, esta deve ser desenvolvida pela educação, para que se dê a apreensão dos valores. É importante esclarecer que somente o desenvolvimento do intelecto não conduz ao comportamento afetivo adequado para essa finalidade, necessitando, porém, de aprendizado específico.

O Brasil na pós-modernidade e a influência das ideias educacionais

Os séculos XX e XXI no Brasil, a pós-modernidade, receberam influências de algumas doutrinas, deixando marcas na educação, as quais podem ser vistas e sentidas até hoje. As mais importantes influências se encontram no positivismo, cientificismo, marxismo e psicologia.

O positivismo, cujo fundador, foi Augusto Comte, surgiu na França e chegou ao Brasil por volta de 1870, logrando grande impacto e encontrou como amplo local o Rio de Janeiro, pois ali estavam à

¹⁰ “O conceito de ente (sistência prefixável) é fruto de uma total abstração. É um conceito universal e, para os escolásticos, o mais universal dos conceitos. Tomás de Aquino define: “Ente é o que tem essência real”. Sua essência é o ser (a sistência aqui). Se afirmarmos que ente (opinião dos escolásticos) é o que é apto a existir realmente, nesse caso é o quem *res* (em latim, coisa). Seria então, o que tem existência efetiva (*perseitas*). Ele pode ser *atual* ou *possível*.” (SANTOS, 1963, pág. 626).

disposição os melhores salões culturais, museus, institutos de ensino, clubes, faculdades e, principalmente, por ser o centro político nacional. Comte acreditava que era necessária a organização da humanidade de maneira científica, a fim de realizá-la plenamente, tanto de forma política quanto social, assim, acreditava na evolução da natureza humana sob três aspectos: teológico, metafísico e positivo, conferindo a cada um destes a passagem para o outro, sendo assim, um processo por meio da ordem e do progresso, refletindo, inclusive, nos dizeres da Bandeira Nacional. Um ponto importante dessa ascensão demonstra-se nas reformas do ensino primário e secundário, e ainda, no ensino superior, a fim de mantê-lo relacionado apenas a nível profissional, não exercendo a estrutura de Universidade.

O essencial da nova filosofia educacional consiste na crença de que real se esgota nas ciências e que a própria organização social, por seus elementos básicos, a política e a moral, pode ser estruturada em bases científicas. (PAIM, 1984, pág. 447).

Outra influência se dá pelo movimento cientificista, que surge na Europa criando Academias com a finalidade de libertar-se da representação das universidades medievais, tendo florescido com “[...] base da suposição de que a ciência tinha amplas consequências sociais e tecnológicas.” (PAIM, 1984, pág. 430). A ciência experimental tinha como importância sua precisão e especificidade. Assim, o movimento cientificista aconteceu na metade do século XVIII em Portugal, ocasião que logrou êxito com a ascensão de Pombal ao poder.

O Brasil no século XIX, entretanto, o cientificismo foi difundido pelo Seminário de Olinda¹¹ e a Real Academia Militar, tendo esta desenvolvido, sem dúvida, tradição na pesquisa matemática, o que possibilitou o surgimento de Otto de Alencar¹² e outros matemáticos notórios deste período. Foi esta também que possibilitou à intelectualidade, o contato com a obra de Augusto Comte, limitando-se apenas à obra matemática do filósofo.

O Marxismo tem como teoria o Materialismo Histórico e seu objeto é o Modo de Produção. Apesar de Marx ser defensor do materialismo filosófico, contestava o materialismo positivista, visto que, julgava antidialético, mecanicista e anti-histórico, assim, ressaltava a importância dos seres concretos como elementos que constituem a realidade do mundo. Marx tentou fazer acreditar na objetividade de um processo autêntico que acarretaria à total realização empírica do humanismo no ocidente. Com o passar do tempo essa crença tornou-se um ato de fé contra a qual a razão é de todo impotente. “Ainda assim, a par do movimento místico, estruturado politicamente em escala mundial, suas ideias deram nova vitalidade à meditação filosófica [...]” (PAIM, 1984, pág. 503).

No Brasil, porém, o marxismo em momento algum progrediu de forma a caracterizar-se um movimento relevante. Sua popularidade existe certamente, mas não é possível dar exatidão às ideias por inexistência do processo teórico, não existe a representação do ocorrido, pelo menos em alguns períodos.

¹¹ Organizado por Azeredo Coutinho em 1800.

¹² Oto de Alencar e Silva 1874 – 1912. Considerado um dos maiores matemáticos da América do Sul. 1874 -1912.

A psicologia enquanto ciência deu à pedagogia um *status* científico no fim do século XIX, momento esse que se independeu da filosofia, devido às atividades iniciadas na Alemanha, no laboratório de Leipzig, passando, então, a utilizar o método experimental das ciências naturais. Como neste mesmo contexto a educação procurava se distanciar do caráter especulativo da filosofia, a psicologia contribuiu para este fim, o que lhe conferiu caráter científico por meio de teorias e pesquisas experimentais.

Porém, antes mesmo de adquirir *status* científico, já se manifestava nas ideias educacionais do Brasil, desde o período colonial, o que pode ser notado nas obras jesuítas, demonstrada no desenvolvimento cognitivo, motor e sensorial e emocional, por meio da utilização de prêmios e castigos. Com o surgimento dos cursos superiores no Brasil, a psicologia passou a permear questões educacionais, aparecendo, ainda, nas escolas normais, principalmente, no que se refere ao desenvolvimento infantil e processos de aprendizagem.

Pode-se perceber, portanto, fortes influências nas ideias educacionais pós-modernas, vindas de algumas correntes de pensamento que outrora permearam a educação que hoje podem ser experimentadas e vivenciadas em todo o processo educacional brasileiro.

Os valores e suas transformações: primórdios e pós-modernidade

Para o sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman¹³, não há uma quebra ou superação da modernidade para a pós-modernidade, contudo, uma continuidade, mantendo, ainda, um centro capitalista com uma lógica distinta da experienciada anteriormente. Assim, o que se encontrava fixo na época anterior, é substituído pelo volátil, dominado pelo imediato consumismo e individualismo.

Os valores observados nos primórdios da educação de nosso país demonstram determinada hierarquia, deixando claras as preferências e interesses da sociedade, ou mesmo a funcionalidade desses, para a vida cotidiana, naquele contexto em que estava inserida. Seus anseios, desejos e ainda ausências, formam uma escala de valores¹⁴, que com o decorrer do tempo sofreu alterações, dando demonstrações das necessidades humanas quanto ao bem estar físico, equilíbrio junto à natureza e bens materiais para o conforto.

Esses valores podem, ainda, ser encontrados na pós-modernidade, já que “[...] uma crise de valores seria a ausência destes, uma espécie de anomia, em que o sujeito age somente de acordo com seus interesses e necessidades, não havendo o sentimento de obrigação para com as regras, leis da sociedade ou normas de conduta.” (LA TAILLE e MENIN, 2009, pág. 36). Porém, a hierarquia pode se revelar diferente da encontrada no passado. Alterada, demonstra novas necessidades, novos anseios em relação às desejadas anteriores pelo ser humano. Quando comparadas, a hierarquia do passado com a da pós-modernidade, pode-se notar alterações em diversos segmentos da sociedade.

¹³ Zygmunt Bauman 1925 – 2017. Foi um sociólogo e filósofo polonês, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

¹⁴ Como visto anteriormente, valor é a satisfação de algo desejado pelo homem a fim de suprir uma necessidade, um bem estar físico, ou a exemplo um bem material, portador de valor.

Porém, ao se observar os valores dos primórdios e os atuais, conforme alguns filósofos é preciso uma maior reflexão destes, diante da instantaneidade da pós-modernidade, que atualmente “[...] significa buscar a gratificação evitando as consequências, e particularmente as responsabilidades que essas consequências pode implicar.” (BAUMAN, 2001, pág. 162). Diante desse cenário, não é possível desconsiderar a influência da pós-modernidade e a consequente hierarquização de valores que ocorre no momento atual.

O que ocorre com a fé e a crença religiosa?

A educação brasileira, em seu início, teve como base uma hierarquia de valores pautada, sobretudo, na religiosidade, principalmente ao se observar o início com a chegada dos jesuítas. A educação estava firmada na doutrina católica e direcionada para que “[...] no ingresso na Companhia sejam admitidos com a condição de consagrar espontaneamente as suas vidas ao serviço de Deus no ensino das letras; e o Provincial note este fato no seu livro de registro [...]” (FRANCA, 1952, pág. 50). Tamanha importância destacava-se nos princípios religiosos, já que os ritos cristãos e católicos eram celebrados em todos os momentos, o que pode ser observado no código pedagógico dos religiosos.

A pós-modernidade, no entanto, se mostra como a época de muitas oportunidades, de muitas experiências, centra o homem como capaz de conhecer a si mesmo e, com isso, a necessidade de conhecer tudo o quanto for possível, “[...] um contêiner cheio até a boca com uma quantidade incontável de oportunidades a serem explorados ou já perdidas.” (BAUMAN, 2000, pág. 76). Não se conforma, porém, com aquilo que representa dificuldade de realização, o indivíduo se encontra sempre ávido por experimentar tudo o quanto estiver ao seu alcance, além da satisfação de sua necessidade, como um estímulo sempre contínuo. Não se contenta somente com o que possa comprovar a ciência, assim, o indivíduo se sente compelido a experienciar, sem a preocupação da positividade ou negatividade do resultado de suas experiências. Porém, esclarece Bauman que

A amarga experiência em questão é a experiência da *liberdade*: da miséria da vida composta de escolhas arriscadas, que sempre significa aproveitar algumas oportunidades e perder outras, ou da incurável incerteza criada em toda escolha, da insuportável, porque não-partilhada, responsabilidade pelas desconhecidas consequências de toda escolha [...] imprevistas possibilidades, do pavor da inadequação pessoal, de experimentar menos e não tão intensamente como os outro talvez o consigam, do pesadelo de não estar à altura das novas e aperfeiçoadas fórmulas da vida que o futuro notoriamente caprichoso pode trazer. (1998, pág. 227).

Pode-se perceber, ainda, que a religiosidade não está entre os valores que recebem mais atenção entre jovens brasileiros, ocasião que demonstram maior confiança em virtudes de outras áreas. Conforme nos revela o autor Yves de La Taille “[...] os jovens julgam que os religiosos são menos importantes para o progresso social do que médicos, cientistas, professores, políticos, juízes e economistas.” (2009, pág. 50). Segundo o autor, apesar de não poder se negar a influência cristã, em particular a católica, não se crê que a religião possa ser considerada um renascimento, encontrando-se, inclusive, ultrapassada.

Fidelidade e lealdade

As relações pessoais consistiam nas virtudes cristãs, sempre se valendo de modelo para os demais, no comportamento, aplicação aos estudos, na lide diária com benevolência com todos os componentes do corpo educacional e “[...] em todas as suas relações com os alunos [...] com distinção e louvor.” (FRANCA, 1952, pág. 66). Essas relações se formavam a partir do cotidiano sólido e organizado, em que a estabilidade fazia-se presente em todo o contexto apresentado, permeava a educação demonstrando a lealdade quanto à veracidade do assunto, no ensino aos alunos, transmitindo com fidelidade a educação proposta. Da mesma forma, a convivência também estava estabelecida na durabilidade, onde Pe. Leonel Franca explicita ao dizer que deve “[...] com maior facilidade e segurança, encaminhar os homens ao seu último destino.” (1952, pág. 37), que significava a realização plena do ser humano por meio da educação, habilitando-o às mais diversas profissões, como também, à constituição da família e aos desafios da vida como um todo.

A pós-modernidade demonstra diferença no que diz respeito às relações humanas, que conforme Bauman, o indivíduo na “modernidade líquida” se encontra sempre inadequado, em processo de se tornar algo e, mesmo ao se finalizar, ao se constituir alguém, a estabilidade encerra sua liberdade, que necessita estar viva no atual mundo fluido, ou seja, a imperfeição estabelece essa “identidade líquida”, porém, esclarece que

O tipo de incerteza, de obscuros medos e premonições em relação ao futuro que assombram os homens e mulheres no ambiente fluído e em perpétua transformação em que as regras do jogo mudam no meio da partida sem qualquer aviso ou padrão legível, não une os sofrendores: antes os divide e os separa. (BAUMAN, 2003, p. 48).

O autor Yves de La Taille, de acordo com pesquisa realizada, entre meninos e meninas em escolas públicas e privadas, percebeu variações no que se refere à fidelidade, que se mostrou bem colocada numa lista das virtudes mais consideradas e que conforme os sujeitos pesquisados “[...] é vista [...] como rara nas pessoas atualmente.” (LA TAILLE e MENIN, 2009, pág. 52).

Essa liquidez encontrada atualmente no cotidiano dos indivíduos, se traduz em velocidade, mobilidade, na instabilidade e na falta de definição da forma de relacionamentos concretos. A falta de solidez da atual sociedade se encontra obcecada por todas as novidades, o que a tornou sedenta de um presente inacabado, de modo que as expectativas se eternizam em novos laços, promoções de emprego, notícias.

Estabilidade x instabilidade/certeza x incerteza

A educação no Brasil em seu início, de acordo com a Companhia de Jesus, demonstra a estabilidade advinda da educação jesuíta, ancorada no ensino das artes liberais em que a responsabilidade pelos centros educativos e compartilhados em papéis distintos – Reitor, diretor, etc. -, exerciam a responsabilidade pelas linhas educacionais pedagógicas. A prática se realizava por um conselho educacional, assegurando uma estabilidade ao desenvolver as linhas de ação que estavam presentes na

orientação básica dos colégios em que de acordo com os religiosos, “só o desenvolvimento harmoniosamente humano das qualidades de espírito e de caráter [...] uma preparação sólida para as responsabilidades da vida.” (FRANCA, 1952, pág. 36), para um presente que os garantissem na futura vida adulta.

A educação se matinha estável no sentido de uma formação abrangente, tanto em seus conteúdos, quanto na manutenção da ordem de toda a hierarquia, prezando acima de tudo o pilar religioso, bem estabelecido a fim de preservar a qualidade de “[...] uma sólida formação filosófica [...] preparação indispensável ao exercício fecundo do ensino. A filosofia dava aos futuros mestres uma visão orgânica da vida, amadurecia-lhes o espírito e [...] também a experiência da vida” (FRANCA, 1952, pág. 42). Demonstra, portanto, que a educação brasileira em seu início, estava fundamentada numa formação voltada à estabilidade presente e num propósito voltado

[...] não só a solidez da verdade, mas a um princípio unificador, uma hierarquia de valores, uma convergência de esforços, uma riqueza de estímulos, uma eficiência de ação sobre as profundezas da consciência, que, indispensáveis e insubstituíveis, lhe asseguram um resultado definitivo. (FRANCA, 1952, pág. 38).

Todas as regras estavam, ainda, pautadas na obediência, que também, sofreu influência da pós-modernidade, momento em que as relações estão mais dissolvidas e mostram dificuldades no que se refere à ordem, disciplina.

De acordo com Bauman, a obediência, na pós-modernidade, um momento maleável, flexível e espantosamente ajustável, não mais ocorre por coerção, mas sim pela sedução e tentação, estampada na forma de livre-arbítrio, no entanto, não demonstrando sua real origem externa.

A pós-modernidade demonstra uma instabilidade bastante contrastante do passado, momento que as redes sociais e um fluxo acelerado de informações e consumo dominam o cenário, no que Bauman chama de capitalismo leve. Momento em que não se têm fábricas ou propriedades e não existem tampouco posições de gerência, o capital gerado advém de recursos portáteis, criando o jogo, o movimento “[...] numa sociedade de valores voláteis, despreocupada com o futuro, egoísta e hedonista. Tomam a novidade como boas novas, a precariedade como valor, a instabilidade como imperativo, e a hibridez como riqueza.” (BAUMAN, 2001, pág. 192), tal qual pode ser observado na educação brasileira com a criação de cursos à distância, ocasião em que é possível assistir aulas de onde quer que se esteja e a qualquer momento.

Relativismo

A pós-modernidade traz a contrastante hierarquização dos valores exercidos quando comparada àquela exercida nos primórdios da educação no Brasil. No momento colonial brasileiro, a educação era exercida de forma que a prioridade era proporcionar a educação conforme os valores cristãos, voltada à tarefa social daquele momento. É possível perceber que a educação trazida pelos religiosos se encontrava voltada para a inserção e ação do indivíduo naquela realidade, portanto, numa visão de mundo e de

disputas de poder que os influenciaram. Não obstante, pode-se destacar que os primeiros educadores brasileiros, os jesuítas, tinham uma capacidade de adaptação e mobilização bastante desenvolvida para seu tempo, momento em que se colocam nas práticas sociais. Era um tempo diferente em relação à mobilidade, à comunicação e, com isso, à integração entre culturas.

De acordo com Bauman, a comunicação em costumes diferentes se transformaria na diversidade dos dias atuais, que vê no pluralismo uma universalização da humanidade, o alcance de um entendimento mútuo, no que deve ser a escolha de outros por caminhos diferentes, de modo que essa escolha não se refletiria no relativismo cultural. O autor explicita que as distintas tradições culturais nem sempre refletem os mesmos valores e que, da mesma forma, essas tradições podem ser consideradas política e eticamente superiores a outras, no momento em que reconhecem suas tradições históricas e conseqüentemente as comparam entre culturas diferentes.

Ainda de acordo com o autor, a perda do estabelecimento de normas institucionais e, assim, a dificuldade de se perpetuar os valores institucionais em que se baseiam a cooperação e a solidariedade, por exemplo, estimulam o predomínio do relativismo. O aspecto plural das novas ordens que sobressaem na pós-modernidade, não consegue oferecer estabilidade ao homem “líquido” na contemporaneidade.

Explicita Darymple, que a relativização de alguns valores, resultará numa edificação de valores degradados que, no momento que forem considerados aceitáveis, determinará num grau de sofrimento considerável sobre as pessoas, onde até mortes poderão ser justificadas em razão dessa preferência de valores.

A discordância entre os valores morais como bem comum, amizade e amor e, os não morais como aventura e beleza, podem causar mudanças morais significativas, principalmente se os fundamentos da moralidade se deparam constantemente com ataques metódicos e caminham para o processo de desintegração. O erro mais comum é enfrentar essa questão admitindo que exista apenas um sistema plausível de valores morais/não morais e que este funcionaria para todas as pessoas, devendo todos estar submetidos.

Rigidez x flexibilidade/intolerância x tolerância

O tema que se refere à rigidez ou mesmo flexibilidade, deixa muita dúvida acerca da atuação da educação em seus primórdios no Brasil. Os jesuítas, primeiros educadores brasileiros, parecem se demonstrar inflexíveis, no que diz respeito à sua atuação e aplicação dos conteúdos, disciplina e hierarquia, quando observado o *Ratio Studiorum*, bem como, uma rigidez inerente à ordem religiosa a que pertenciam. No entanto, como observado pelo próprio Pe. Leonel Franca (1952), “na prática, os colégios dos jesuítas não se mobilizaram numa rigidez sem vida, mas com espírito sabiamente conservador e prudentemente progressista souberam sempre acompanhar o passo de uma cultura que marcha.” (pág. 27), o que mostra sua flexibilidade em relação às mudanças que se faziam necessárias, apesar das regras previamente estabelecidas.

Com efeito, a educação jesuíta, não permaneceu imóvel e rígida no tempo, no que diz respeito à adaptação das exigências que despontavam, dos tempos que mudavam. O próprio código de normas, o *Ratio*, previa a adequação e adaptação, de forma legal perante a regra de número 39 do Provincial, que constava:

Como, porém, na variedade de lugares, tempos e pessoas, pode ser necessária alguma diversidade na ordem e no tempo consagrado aos estudos, nas repetições, disputas e outros exercícios e ainda nas férias, (o Provincial), se julgar conveniente na sua Província alguma modificação para maior progresso das letras, informe o Geral para que se tomem as determinações acomodadas a todas as necessidades, de modo, porém, que se aproximem o mais possível da organização geral dos nossos estudos. (FRANCA, 1952, pág. 11).

Diante dessa disposição, os colégios se adaptaram de forma prática às condições novas que o tempo impunha aos religiosos. Abriam uma margem maior e mais organizada dos currículos e adaptaram seus programas, junto à fidelidade dos métodos pedagógicos e ideais. Fizeram com que os estabelecimentos não só se mantivessem à dianteira de seu tempo, quanto à instrução de jovens em ritmo constante, e

[...] não se infira que os colégios dos jesuítas permaneceram petrificados na imobilidade durante este largo período sem se adaptar às novas exigências de tempos que mudavam. O próprio *Ratio*, na sua prudência, previa esta flexibilidade de adaptação e abria-lhe a porta legal. (FRANCA, 1952, pág. 11).

No que diz respeito à atualidade, Bauman relata uma modernidade “sólida”, sem flexibilidade mediante a adaptação de novas formas e circunstâncias, o que na modernidade “líquida”, se deslocaria de um estado passivo a um ativo, um momento de acolhimento à crítica. Conforme o autor, não há fim para um caminho, senão desejos, ocasiões e realizações a serem perseguidas de maneira ininterrupta, uma estrada sem regulamentações e pertencimentos de qualquer atividade. O que outrora pertenceram ao coletivo passa agora ao individual, se antes se buscava uma sociedade chamada “justa”, neste momento se procura os direitos humanos, numa tentativa dos próprios indivíduos optarem de que forma farão a escolha pela felicidade, em que “A rigidez da ordem é o artefato e o sedimento da liberdade dos agentes humanos. Essa rigidez é o resultado de “soltar o freio”: da desregulamentação, da liberalização, da “flexibilização” da “fluidez” crescente.” (BAUMAN, 2001, pág. 12).

Contudo, a visão de Dalrymple mostra que o ser humano é passível de erros e que, a tolerância pode mesmo ser exercida, porém, com cautela a fim de não tornar qualquer situação permitida e, com isso, os excessos ocorram desmedidamente causando danos posteriores tanto individualmente, quanto em uma esfera maior, atingindo grupos, sociedade. Para o autor “[...] a imperfectibilidade humana não pode ser desculpa para uma permissividade total, da mesma forma que as imperfeições humanas não justificam uma intolerância inflexível.” (DALRYMPLE, 2015, pág. 68).

De acordo com Stuart Hall, a sociedade moderna está em constante mudança, distinguindo-a da sociedade tradicional, ocasião em que era reverenciada, perpetuando gerações e símbolos reconhecidos,

já que a tradição é uma forma de gerenciar o espaço e tempo, fixando experiências e atividades, perpetuando o passado, presente e futuro, dispostos em práticas sociais comuns. No entanto,

A modernidade, em contraste, não é definida apenas como a experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva da vida, na qual “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter.” (GIDDENS, 1990, pág. 37 e 38 *apud* HALL, 2019, pág. 13).

Bauman esclarece que a flexibilidade na pós-modernidade se demonstra acelerada, representada pelo individualismo e fluidez, como também, nos relacionamentos momentâneos, transitórios. A busca pela felicidade e a ânsia de encontrá-la, parece depender somente de esforço pessoal. Nessa busca incessante de encontro do prazer, o desejo impulsiona uma constante busca de novas realizações, valores e experiências. Sem perceber que este é temporário e necessita de continuidade de estímulo, a tendência é viver o presente de maneira intensa e exclusiva, nascendo, portanto, uma tribulação em relação ao futuro que se torna incerto e instável.

Pode mesmo ser observada essa flexibilidade no que diz respeito ao avanço tecnológico, como a comunicação de massa, informação e produção, ocasião em que o foco educacional tem se encontrado na tecnologia. O aprendizado precisou se adequar às novas formas, às ferramentas modernas, o que permite maior flexibilidade dos espaços e das “exigências” sociais. Passou a se pensar numa cultura de “acessibilidade” às informações, devido a essa fluidez em que se encontra, atualmente, a sociedade. Assim, as barreiras espaçotemporais são transpostas pelo ensino virtual, com vistas à democratização do conhecimento.

Cultura nacional/globalização/multiculturalismo

O método elaborado pelos jesuítas e aplicado nos primórdios da educação brasileira deixa claro que a educação não estava ligada a uma nação especificamente, embora, oriunda da Europa, os métodos educacionais eram aplicados de forma abrangente em diversos países, contudo, a ligação se demonstrava na religião católica, ao cristianismo, de forma que

Os nacionalismos ainda não se haviam ouriçado uns contra os outros nem os estados se esforçavam por converter a educação das massas em instrumento político. O alvo então visado era universal, a formação do homem perfeito, do bom cristão. Não se mirava, com a ação das escolas, dar consciência de cidadão de tal ou tal império ou de representante desta ou daquela raça predestinadas. Os professores do Renascimento percorriam a Europa sem se sentir estrangeiro em nenhuma parte. (FRANCA, 1952, pág. 20).

O nacionalismo se assinala por uma corrente de ideias que valoriza a nação e suas características, como expressadas pelo patriotismo e engloba símbolos nacionais como o hino da nação, a bandeira, entre outros. Isso se deve a sensação de pertencimento cultural de um país, de identificação com a pátria, sendo seus ideais a preservação da nação, defesa territorial e de fronteiras, a manutenção do

idioma, bem como a quaisquer que sejam os processos que possam vir a por em risco essa identidade ou transformá-la.

De acordo com Stuart Hall a definição de identidade cultural ocorre com o sentimento de pertencimento do indivíduo a certa conjuntura, com referências em aspectos culturais, religiosos e nacionais. Porém, para o autor essas identidades sofreram desgaste em nossa tardia modernidade, que designa de crise de identidade, por consequência de transformações condicionadas pela atual sociedade na globalização.

Outro efeito desse processo foi o de ter provocado um alargamento do campo das identidades e uma proliferação de novas posições de identidades, juntamente com um aumento de polarização entre elas[...]O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçadas pela presença de outras culturas. (HALL, 2019, pág. 50).

As opiniões do indivíduo na pós-modernidade e Stuart Hall caminham paralelamente às concepções de Zygmunt Bauman quanto à situação do homem líquido e sua condição no mundo social. Para Hall, nas sociedades do final do século passado, ocorreram mudanças em suas estruturas que aumentaram para mudanças das paisagens culturais, com pontos históricos construídos diferentemente e apontados pelo sociólogo como três identidades distintas. A primeira é a identidade do indivíduo iluminista, nascido com caráter predefinido, com visão individualista, prevalecendo a razão. A segunda é a identidade do indivíduo sociológico, constituído da interação junto à sociedade. A terceira é a pós-moderna e não é definitiva, porém, fragmentada, que sofre influências e se transforma, assumindo diversas formas de identidade e não uma somente.

Mas, embora a globalização possa não ser mais uma novidade, é fato que não ocorre simultaneamente e igual em todas as partes essa “homogeneização”. Zygmunt Bauman afirma que todos os indivíduos estão destinados ao avanço da globalização, ainda que possa ser a contragosto, em desacordo. Deixa explícito que o mundo globalizado sinaliza a liberdade para alguns, bem como, se demonstra como localização para outros e que, pode ser sentido como um destino cruel e indesejado. Assim,

Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social. Os desconfortos da existência localizada compõem-se do fato de que, com os espaços públicos removidos para além do alcance da vida localizada, as localidades estão perdendo a capacidade de gerar e negociar sentidos e se tornam cada vez mais dependentes de ações que dão e interpretam sentidos, ações que elas não controlam [...] (BAUMAN, 1999, pág. 08).

Ocorre que as repercussões do processo de globalização, tanto sociais, quanto econômicas, podem ser observadas, ainda, no campo educacional, no que diz respeito às políticas públicas nacionais da educação, ocasião que estratégias envolvem organismos internacionais nas decisões que tratam de educação, sendo que,

Efetivamente, as duas últimas décadas foram testemunhas da enorme influência de alguns movimentos patrocinados pelos organismos de cooperação e financiamento internacional para direcionar ou redirecionar as políticas públicas no campo específico da educação latino-americana, incluindo o Brasil. (SANDER, 2008, pág. 160).

Porém, a globalização poderia, ainda, criar condições precárias e efêmeras, tal qual o movimento na pós-modernidade, momento em que há um constante movimento, mesmo quando não se está viajando, ação assinalada pelo consumo. Dentro desse contexto, a liberdade significaria ir onde quiser e comprar o desejado.

Para Dalrymple, os benefícios da globalização, trazem pontos positivos com o livre trânsito de indivíduos pelas fronteiras, como também, um nacionalismo menos exacerbado auxilia num momento em que a xenofobia tem aumentado. Mas ressalta que as análises midiáticas não estão demonstrando muitos aspectos do assunto e, alguns inconvenientes não são apresentados.

Não sei ao certo se acolho ou aplaudo de todo o coração essa globalização que faz com que [...] ninguém se sinta isolado em lugar nenhum. Em nome da diversidade, todos os lugares – ao menos todos os lugares dos países desenvolvidos – correm hoje o risco de se tornar iguais, e a pior gafe social que se pode cometer atualmente é declarar-se desconhecedor [...] (DALRYMPLE, 2016, pág. 48).

Pode se notar, portanto, certa preocupação do autor em relação à globalização no que diz respeito à cultura e sua homogeneização. Este fato poderia levar, assim, à perda de suas características locais, o que sempre foi motivo de interesse por parte das pessoas, de modo geral, fato que sempre gerou viagens ao redor do mundo, bem como, estudo para muitos intelectuais. Isso acarretaria numa destruição das diferenças, no desinteresse para ambos – viajantes curiosos e estudiosos – e na tão debatida diversidade cultural. Um dos maiores desafios se dá na preservação da identidade cultural nacional, de como preservá-la e compartilhá-la com outras nações e culturas. Ao avançar da globalização das atividades econômicas e humanas, de forma geral, aumenta a dificuldade da preservação da identidade cultural do país pelo empenho da reforma educacional e,

Uma das indicações desse desafio é a tentativa de regulamentação, pela Organização Internacional do Comércio (OMC), do ensino como produto globalizado. Esse movimento internacional se observa, especialmente, no ensino superior. Temos diante de nós o desafio de desenvolver uma instituição universitária aberta ao universal, mas subordinada aos interesses e aspirações nacionais. (SANDER, 2008, pág. 163).

Dessa forma, podem ser observados os valores exercidos nos primórdios e na atualidade e acordo com alguns aspectos, as alterações existentes e, ainda, valores que mudaram de ordem, demonstrando maior ou menor interesse conforme o decorrer do tempo, as mudanças e influências sociais e históricas.

Considerações Finais

Conforme pode ser observado durante o estudo, o Brasil, sofreu forte influência de uma hierarquia pautada na formação de valores cristãos católicos, cujo objetivo principal, se dava na civilização dos índios e conversão à fé cristã. Essa educação, que perdurou por aproximadamente duzentos anos, deixou marcas na educação brasileira, encontradas até os dias de hoje.

Atualmente, o ensino fundamental é obrigatório e gratuito, de progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio, conforme Art.4º da Lei nº 9.394/96, tendo, ainda, o ensino religioso¹⁵ caráter facultativo nas escolas. Percebe-se, contudo, que a religião continua presente no processo da educação. A religião no início era o valor principal, seguindo-se a ela demais virtudes.

Alguns valores exercidos nos primórdios, como, por exemplo, a fé e a crença religiosa, continuam relevantes às necessidades dos indivíduos também na atualidade, demonstrando a importância do preenchimento dessas carências, apesar do perpassar dos anos. Da mesma maneira, nota-se a mudança na escala de valores referente ao preenchimento de outros quesitos, evidenciando que parte destes encontra-se mais vivenciada nos dias atuais, como é o caso da tolerância e da flexibilidade, já que o momento atual apresenta maior necessidade desses valores à vida dos indivíduos.

A fidelidade, por exemplo, no passado se encontrava presente na ideia da durabilidade, porém, hoje se encontra de certa forma bastante efêmera. A flexibilidade encontrada hoje em dia mostra-se numa posição bem alta na hierarquia de valores, haja vista as constantes mudanças de plano ocorridas, seja no que diz respeito ao trabalho ou mesmo nos relacionamentos de amizade, como ainda, nos amorosos, que ora se encontram inconstantes, fluidos e momentâneos.

Num contexto sólido/estável, a globalização é uma característica marcante da pós-modernidade, ocasião de informações rápidas, possíveis com o advento e grande avanço da tecnologia da informação. Esse progresso tecnológico surtiu um forte impacto cultural, visto que, resultou no surgimento de informações acessíveis de culturas e ideias distintas, o que ao mesmo tempo acabou gerando um amplo debate.

Nota-se que alguns valores exercidos nos primórdios continuam relevantes às necessidades dos indivíduos também na atualidade, demonstrando a importância do preenchimento dessas carências, apesar do perpassar dos anos, como por exemplo, a fé e a crença religiosa. Da mesma maneira, nota-se a mudança na escala de valores referente ao preenchimento de outros quesitos, evidenciando que parte destes

¹⁵ Conforme *LDBE - Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996*:

Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. (Redação dada pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997).

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores. (Incluído pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997).

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso. (Incluído pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997).

encontra-se mais vivenciado nos dias atuais, como é o caso da tolerância e da flexibilidade, já que o momento atual apresenta maior necessidade desses valores à vida dos indivíduos.

Assim, foi possível perceber em que sentido ocorreram determinadas mudanças no escalonamento dos valores na pós-modernidade, bem como, quais se mantiveram estáveis apesar da “liquidez” do mundo atual, assim designada por Bauman.

Referências

- ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. *Psicol. Esc. Educ.* (Impr.), Campinas, v. 12, n. 2, p. 469-475, Dez. 2008. Acessado em 11 de agosto de 2019. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-8557200800002000020&Ing=in&nrm=iso>. Acessado em 14 de outubro de 2019.
- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. *História da Educação e da Pedagogia*. São Paulo, SP: Editora Moderna, Ltda, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2003.
- _____. *Comunidade – A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2003.
- _____. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1999.
- _____. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1999.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2000.
- _____. *O mal-estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.
- _____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2009.
- BERESFORD, Heron. *Valor Saiba o que é*: Rio de Janeiro, RJ: Shape, 2000.
- BRASIL. LDB – Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/alunos/leis/lei_diretrizes_bases.htm> Acessado em 14 de outubro de 2019.
- DALRYMPLE, Theodore. *Nossa cultura...ou o que restou dela*. São Paulo, SP: É realizações editora, 2015.
- DUARTE, Cleia Zanatta Clavery Guarnido. *Adolescência e sentido de vida*. Curitiba, PR: Editora CRV, 2015.
- FRANCA S.J., Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas: o "Ratio Studiorum": Introdução e Tradução*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Agir Editora, 1952.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: Lamparina, 2019.
- HOLLER, Marcos. *Os jesuítas e a música no Brasil colonial*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.
- LA TAILLE, Yves.; MENIN, Maria Suzana De Stefano Menin. *Crise dos valores ou valores em crise?* Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.
- LISBOA, Maria da Graça Cavalcanti; PEREIRA, Rosane Maria Batista. *Ideias educacionais e filosóficas no Brasil*. Porto Alegre, RS: Edições Est, 1995.
- PAIM, Antonio. *História das ideias filosóficas no Brasil*. São Paulo, SP: Editora Convívio, 1984.
- PEREIRA, Rosane Maria Batista. *O sistema ético-filosófico dos valores de Max Scheler*. Porto Alegre, RS: Est edições, 2000.
- RIBEIRO, Maria Luísa S. *História da Educação Brasileira*. Editora Moraes Ltda. São Paulo, SP: 1984.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1978.
- SANDER, Benno. *Educação na América Latina – Identidade e Globalização*. Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 157-165, maio/ago. 2008.
- SAVIANI, Dermeval. *História das Aldeias Pedagógicas no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SHIGUNOV NETO, Alexandre. História da Educação Brasileira. São Paulo, SP: Salta, 2015.

TOBIAS, José Antonio. História da Educação Brasileira. São Paulo, SP: Editora Juriscredi Ltda, 1972.

_____. História das Ideias no Brasil. São Paulo, SP. Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1987.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. História do Braisl. São Paulo, SP: Editora Scipione, 2000.

WERNECK, Vera Rudge. Educação e Sensibilidade. Rio de Janeiro, RJ: Editora Rovellet, 2013.